REVISTA MOSAICO

(RE)CONSTRUÇÃO DA REPRESENTAÇÃO: A FIGURA DA MULHER NEGRA NOS CONTOS DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR

(RE)CONSTRUCTION OF REPRESENTATION: THE BLACK WOMAN´S FIGURE IN THE SHORT STORIES OF ITAMAR VIEIRA JUNIOR

Leticia Simioni RODRIGUES[1]

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar de forma crítico-analítica a representação da mulher negra nos contos contemporâneos "Meu mar (fé)" e "Alma", presentes na coletânea *Doramar ou a odisseia*: histórias (2021), do autor brasileiro Itamar Vieira Junior. O artigo parte de uma abordagem que considera os elementos linguísticos, temáticos e sociais mobilizados pelo autor para a construção da subjetividade das personagens protagonistas, ambas representando vozes subalternas que narram suas próprias histórias em contextos de violência e marginalização. A proposta é investigar algumas mudanças na construção da figura da mulher negra na ficção contemporânea em relação às obras anteriores.

PALAVRAS-CHAVE: representação; gênero; literatura contemporânea.

ABSTRACT: This article aims to conduct a critical-analytical examination of the representation of black women in the contemporary short stories "Meu mar (fé)" and "Alma", included in the collection *Doramar ou a odisseia*: histórias (2021), by the brazilian author Itamar Vieira Junior. The study adopts an approach that considers the linguistic, thematic, and social elements mobilized by the author in constructing the subjectivity of the protagonists, both of whom represent subaltern voices that narrate their own stories within contexts marked by violence and marginalization. The objective is to investigate certain shifts in the construction of the figure of the black woman in contemporary fiction in comparison with earlier literary works.

KEYWORDS: representation; gender; contemporary literature.

1. Introdução

Autor e geógrafo brasileiro, Itamar Vieira Junior nasceu em 1979 na cidade de Salvador, Bahia. Graduou-se em geografia na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e concluiu seu mestrado e doutorado em Estudos Étnicos e Africanos na mesma universidade. Pesquisador e especialista de comunidades quilombolas do nordeste brasileiro, publicou seu primeiro livro em 2012 intitulado *Dias* com contos focalizados em questões sociais e nas condições humanas. Seguindo ainda com a literatura contística, publicou, em 2017, a coletânea de narrativas curtas *A oração do carrasco* que tinha como foco personagens "[…] que estão à margem, que foram massacrados e usados, que

[1] Graduada do Curso de Licenciatura em Letras pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. Orientador: Prof. Dr. André Luís Gomes de Jesus. E-mail: leticia.simioni@unesp.br

tiveram os seus anseios e esperanças rasgados, suas heranças culturais abafadas, diminuídos os seus valores éticos, étnicos e estéticos"[2]. Assim, no ano de 2019, publicou seu primeiro romance, fazendo com que sua literatura fosse amplamente reconhecida com o fenômeno *Torto Arado*, seu livro de maior sucesso. Com o ilustre romance, o autor ganhou prêmios literários renomados, como o prêmio português LeYa de 2018, o prêmio Jabuti de Romance Literário de 2020 e o prêmio Oceanos também de 2020. Além disso, teve sua obra traduzida para mais de vinte idiomas e, com a tradução em francês feita por Jean-Marie Blas de Roblès, *Charrue Tordue* (2023), foi vencedor do prêmio *Montluc Résistance et Liberté* de 2024. Após a publicação de *Torto Arado*, também escreveu e publicou o livro *Doramar ou a odisseia:* histórias (2021), obra que reúne contos que retomam temas centrais de sua produção literária, como memória, violência estrutural, marginalização e resistência, agora explorados por meio de narrativas breves e intensas em que personagens historicamente silenciados ocupam o centro da narrativa, especialmente mulheres em conflito com sistemas de opressão e sujeitos que lutam para reescrever as próprias trajetórias. No ano de 2023, retornou aos romances e deu continuidade à chamada "Trilogia da Terra", iniciada por *Torto Arado*, ao publicar *Salvar o fogo* (2023), e a concluiu posteriormente com *Coração sem medo* (2025), tornando-se um dos maiores representantes da literatura contemporânea no Brasil.

A produção literária de Itamar destaca-se por recuperar e construir retratos de uma nação multifacetada, multicultural e heterogênea, marcada pela presença de imigrantes, povos originários e populações historicamente marginalizadas. Nesse sentido, o autor desenvolve personagens em situações de vulnerabilidade social cujas experiências, embora ficcionalizadas, representam vivências reais, o que aproxima sua escrita da convenção literária realista contemporânea, pois há a intenção de transportar elementos da realidade para a ficção com o objetivo de realizar um exame crítico da sociedade brasileira atual. É a construção desse modelo de representação (que focaliza o sujeito marginalizado como sujeito de fala, e não como objeto de estudo) que este artigo pretende investigar, concentrando-se, especificamente, na representação da mulher negra nos contos "Alma" e "Meu mar (fé)", visto que, nessas narrativas, as personagens, representando mulheres negras na ficção, irão ocupar o centro da narrativa, enunciando suas vivências em primeira pessoa sem a intervenção de um olhar externo e hierarquizado como ocorre em *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, e outras obras da tradição literária brasileira. Dessa forma, o autor irá reconstruir a forma de representação literária de mulheres negras que, em produções anteriores, eram frequentemente reduzidas a objetos de desejo e tipos sociais, descritas a partir de um olhar estereotipado e por um narrador "superior" aos eventos narrados.

[2] Texto retirado da sinopse e descrição do livro *A oração do carrasco* (2017) no site da companhia de vendas online Amazon. Disponível em: https://www.amazon.com.br/oração-carrasco-Itamar-Vieira-Junior.

2. Sobre os contos “Alma” e “Meu mar (fé)”

Como apresentado, os objetos de estudo do presente artigo são os contos “Meu mar (fé)” e “Alma”, do autor Itamar Vieira Junior. As duas narrativas foram publicadas em 2021 no livro *Doramar ou a odisseia:* Histórias, e possuem alguns elementos em comum, como as protagonistas femininas negras, o enredo com enfoque na exploração e violência da sociedade brasileira, o estilo de narração (em primeira pessoa, narrador-protagonista), monólogos interiores e a intenção de transpor a realidade para a ficção. Os contos retratam a dor do marginalizado e sua busca constante por liberdade por meio das vivências das personagens principais.

O primeiro conto, intitulado “Alma”, tem como foco uma mulher em condição de escrava que parte para uma jornada longa e complicada após fugir da casa de seus senhores. Alma, que não possuía nada, foi nomeada por sua senhora após tocar seu coração, levando-a a afirmar que ela, ainda que um “bicho”, tinha uma alma. A história mostra ao leitor todas as violências sofridas pela protagonista, que teve seu filho arrancado de seus braços e que foi forçada a amamentar e criar crianças de senhoras brancas, sofrendo constantemente com o tratamento desdenhoso e violento de seus “donos”. Quando finalmente consegue fugir, Alma parte em busca de um lugar onde poderia existir; o caminho se revela difícil, repleto de dor, sede e fome, mas não mais difícil do que a vida que ela levava com seus senhores. Durante a narrativa, a protagonista (que também assume a função de narrar a história) conta sobre sua jornada, expondo a dor que a acompanhava e os desafios que enfrentava: “[…] cada vez eu seguia para mais longe da terra, então fui seguindo, encontrando bichos, feridas, fome, seca, fui encontrando o sol que parecia não ter pena de mim, porque me ardia” (Vieira Junior, 2021, p. 41). Quando encontra ajuda de um homem no caminho, Alma, sentindo gratidão e bondade crescente no peito, deita-se com o homem e, depois, parte guiada pelo sol para sua jornada novamente. Sua decisão de fugir foi motivada pela exaustão de uma vida marcada pela exploração, violência e medo, pois, ao contrário de sua amiga Luzia, cuja liberdade havia sido comprada pela irmandade, Alma não tinha nada, e escapar era a única maneira de mudar seu destino. Finalmente, após deixar a casa do homem, Alma encontra um lugar quieto e sereno, sem casas e cercas, apenas com árvores e animais livres, onde enfim consegue descansar verdadeiramente. O texto, então, retorna a eventos do passado, e Alma narra como fugiu daquela casa: violentada e exausta, decidiu servir veneno de rato aos seus senhores para iniciar a jornada que é acompanhada pelo leitor durante o conto, despedindo-se daquela vida e partindo em busca de liberdade.

Já o conto “Meu mar (fé)” apresenta como fábula a vida de uma mulher senegalesa após imigrar para o Brasil de forma ilegal em um contêiner de navio. No início da narrativa, a protagonista, seu marido e outros seis imigrantes são encontrados por figuras autoritárias dentro do contêiner e são submetidos a diversas formas de violência antes de serem jogados ao mar. Seu marido, ao tentar salvar um dos homens que se afogava, perde-se nas águas e nunca mais é visto. A protagonista, entretanto, sobrevive e, em território brasileiro, encontra Dominique, outra imigrante que também perdeu o marido e vive na expectativa de encontrá-lo. Assim, o conto focaliza a percepção da protagonista (que passa a ser chamada de Foi durante a narrativa) no Brasil, notando que a violência e o

racismo são comuns no país onde pretos ainda serviam brancos: “Aqui negro é um cidadão de segunda classe. Como nos Estados Unidos. Como na Europa” (Vieira Junior, 2021, p. 105). Sua condição de imigrante intensifica o tratamento discriminatório, mas a personagem continua trabalhando e lutando para sobreviver, enquanto ainda conversa imaginariamente com seu marido desaparecido, pensando na possibilidade de reencontrá-lo, após Dominique localizar o homem que buscava. Ao descobrir que está grávida, a protagonista decide manter a gestação e, ao final do conto, apresenta o filho àquele que, de certa forma, determinou o curso de sua vida: o mar. O mesmo mar que, carregado de simbolismos, representa o pai de seu filho, foi testemunha e companheiro de sua existência, e passa também a ser o nome da criança nascida, agora batizada como Mar.

> O mar me irrompeu como um grande fluxo e gerou você. Irrompeu ora sereno, ora violento. Ele me acompanhou em meu passado e me acordou por muitas manhãs na nova terra, que agora será sua terra, para me trazer a esperança da chegada, mar (Vieira Junior, 2021, p. 111).

É possível observar que os contos apresentam algumas semelhanças: tematizam o negro na literatura de maneira distinta de obras anteriores, dado que o cânone literário possui um histórico de negligência em relação a personagens negros, frequentemente retratados de forma estereotipada, associados à vilania ou reduzidos a figuras marginalizadas destituídas de subjetividade e desenvolvimento (Duarte, 2013). Além disso, um elemento literário em comum dos contos consiste na narração, pois ambas as histórias são narradas em primeira pessoa pelas próprias protagonistas, um importante diferencial na construção das personagens de Itamar, visto que essa escolha afasta a presença de um narrador externo que, em obras anteriores da literatura brasileira, assumia uma posição de superioridade em relação aos eventos narrados. Nestes contos, as próprias personagens, apresentadas como mulheres negras ao leitor, conduzem a narrativa, relatando suas histórias a partir de suas experiências e percepções. Assim, pode-se observar que Itamar Vieira Junior tende a reconfigurar a forma de representação do sujeito negro em seus textos, propondo um afastamento de modelos anteriores e abrindo espaço para narrativas que centralizam essas personagens.

3. A trajetória da representação negra na literatura brasileira

Percorrendo o cânone da literatura brasileira, é possível notar que questões relativas à representação e suas problemáticas têm ganhado atenção nos estudos literários contemporâneos. Segundo Eduardo de Assis Duarte (2011), especialista em estudos de raça na literatura, o lugar do personagem negro na prosa brasileira era, muitas vezes, inexpressivo, de coadjuvante, como Bertoleza e Firmo em *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, ou de vilão, como Pedro em *Demônio Familiar* (1858), de José de Alencar, e, ainda que um personagem tenha um papel importante, como no caso do protagonista de *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade, havia estereótipos e concepções racistas que o cercava. Além disso, no caso das personagens femininas, foco deste estudo, elas eram

muitas vezes representadas como provocantes, sensuais, portadoras do pecado e da tentação, como Rita Baiana, também de *O Cortiço* (1890).

> Ainda quanto às figurações do feminino, nas mulheres o protagonismo ocorre com mais frequência. […] É, entretanto, um protagonismo marcado, em muitos casos, pela permanência, na ante cena textual, do mesmo projeto de desumanização que subjaz à estereotipia. Ele se manifesta em construções que ressaltam, por exemplo, a sensualidade e a disponibilidade para o sexo sem compromissos ou consequências, novamente de acordo com imagens sociais determinadas a *priori*, como a da "mulata assanhada" (Duarte, 2013, p. 147).

Nesse sentido, relacionando estas observações com os contos estudados, nota-se uma diferença na construção da personagem feminina negra na literatura contemporânea. Tanto a protagonista de "Meu mar (fé)" como a de "Alma" não são representadas de forma sensualizada, provocativa ou associadas ao pecado, ao contrário, surgem como figuras que demonstram individualidade, força e, principalmente, subjetividade, livres de processos de desumanização e estereótipos. O autor, na verdade, mostra, por meio de uma representação de violência sexual em "Meu mar (fé)", como este estereótipo racista e discriminatório prejudica as mulheres negras, colocando-as como objeto de exploração sexual e, consequentemente, em risco e perigo.

Esta mudança na literatura contemporânea, na qual as consequências desta tradição são reveladas e denunciadas, pode estar relacionada com a influência dos movimentos políticos da sociedade atual. Segundo Domício Proença Filho (2009), professor especialista em literatura brasileira:

> Essa postura literária está vinculada aos movimentos de conscientização da população negra no Brasil, que emergiram no início do século XXI e, ao longo dos anos, foram se tornando mais evidentes e bem definidos, ainda que com variações em sua visibilidade (Proença Filho, 2009, p. 176).

Considerando a atuação desses movimentos de conscientização, é possível compreender como e por que a literatura contemporânea tem se afastado das representações estereotipadas que antes marcavam a figura da mulher negra em textos literários. Obras como *Doramar ou a odisseia* evidenciam a incorporação de transformações sociais ao campo literário, visto que o autor não apenas se distancia dos modelos tradicionais de representação, mas propõe uma reconstrução da escrita de personagens femininas negras na literatura.

Nesse sentido, vale destacar que o presente artigo não implica uma condenação das representações literárias anteriores. A literatura contemporânea apenas irá apresentar uma mudança impulsionada por questões sociais e movimentos politicamente engajados que passaram a questionar estruturas de poder também no campo da crítica literária. As novas narrativas que conferem maior complexidade e protagonismo às personagens negras, portanto, não são "superiores" ou descartam a tradição, mas dialogam com ela de modo crítico, incorporando novas reflexões estéticas e sociais da atualidade, ampliando as possibilidades de leitura e compreensão dessas experiências marginalizadas.

Também é importante ressaltar que Itamar Vieira Junior não é o primeiro nem o único autor a promover mudanças no desenvolvimento e na construção de personagens

marginalizados na literatura brasileira, e essas transformações não surgiram somente em um período específico da história literária, mas foram parte de um processo gradual e contínuo, que se desenvolveu ao longo do tempo na literatura, não apenas na contemporaneidade. Os contos aqui apresentados se destacam pelo cuidado com a apresentação da humanidade das protagonistas negras advindas de lugares marginalizados, aspecto central de suas narrativas. No entanto, esse interesse na literatura surge desde o século XX com autores como Lima Barreto e Astolfo Marques, cujos esforços influenciam obras brasileiras até os dias atuais. Nesse sentido, a tradição literária brasileira foi tensionada por diversas perspectivas acerca da personagem negra, e não houve uma forma única e fixa de representação ao longo da história, mas várias que podem se assemelhar e se diferenciar entre si. Por isso, todas essas representações assumem igual importância no panorama da literatura brasileira, desde *O cortiço* até os contos de Itamar Vieira Junior.

4. Mudanças estéticas da representação: semântica e narração

Nos contos objetos deste estudo, o autor Itamar Vieira Junior não caracteriza as protagonistas como personificações da tentação ou mulheres sensuais, opondo-se à tradição de romances anteriores da literatura brasileira, nos quais esses personagens, quando não ocupavam papéis secundários, frequentemente eram associados ao pecado e incorporavam aspectos de sensualidade. Algumas mudanças estéticas e estilísticas como a narração em primeira pessoa e as escolhas lexicais empregadas nas descrições destas personagens evidenciam essa ruptura: nos contos, as personagens apresentam-se por meio de seu próprio discurso, expressam sentimentos, percepções e memórias, sem a mediação de um narrador externo que descreva ou interprete suas ações; essa estratégia narrativa afasta a protagonista da posição de objeto de observação comum de narrativas anteriores e a coloca como sujeito de fala.

Com viés explicativo, é possível observar as diferenças, principalmente semânticas, entre a caracterização das personagens (em primeira pessoa) nos contos "Alma" e "Meu mar (fé)" e da personagem Rita Baiana (em terceira pessoa) no romance *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo.

> […] sou uma mulher **que caminha sempre em frente** e não volta para o que deixou lá longe, agora muito atrás de mim, caminho assim, esperando encontrar o acalanto de um lugar onde exista a **liberdade**, eu, uma mulher que nasceu **acorrentada aos desejos** dos meus senhores, eu que não tinha nome porque não era nada, que um dia toquei o coração da minha senhora e ela disse que **eu tinha uma alma** (Vieira Junior, 2021, p. 39, grifo próprio).

> E viu a Rita Baiana, que fora trocar o vestido por uma saia, surgir de ombros e braços nus, para dançar. A lua destoldara-se nesse momento, envolvendo-a na sua coma de prata, a cujo refulgir os meneios da mestiça melhor se acentuavam, cheios de uma graça **irresistível**, simples, **primitiva**, **feita toda de pecado**, toda

> de paraíso, com muito de **serpente**[3] e muito de mulher (Azevedo, 1997, p. 77, grifo próprio).
>
> Dominique e eu somos feitas da mesma matéria. Às vezes, em sua **inspiração, disciplinada**, ela me chama de Foi. A palavra mais **bela** pela qual alguém já me chamou, mesmo numa língua que nos colonizou, mas, ao mesmo tempo, nos uniu, agora eu descobria, de um lado a outro do oceano (Vieira Junior, 2021, p. 104, grifo próprio).
>
> O chorado arrastava-os a todos, despoticamente, desesperando aos que não sabiam dançar. Mas, ninguém como a Rita; só ela, só aquele **demônio**, tinha o mágico segredo daqueles movimentos de **cobra amaldiçoada**; aqueles requebros que não podiam ser sem o cheiro que a mulata soltava de si […] (Azevedo, 1997, p. 78, grifo próprio)[4].

É notável que há diferenças semânticas nos trechos. Nos contos "Alma" e "Meu mar (fé)", a narração em primeira pessoa permite que as protagonistas utilizem um vocabulário associado à independência, à superação e à busca por liberdade. No primeiro trecho retirado de "Alma", por exemplo, a protagonista descreve a si mesma como alguém que "caminha sempre em frente" (Vieira Junior, 2021) - remetendo a um processo de emancipação e à reconstrução de uma identidade antes negada - "eu que não tinha nome porque não era nada" (Vieira Junior, 2021). Algo parecido ocorre no terceiro trecho retirado do conto "Meu mar (fé)", no qual a personagem reflete sobre a relação afetiva e simbólica que estabelece com Dominique, também mulher negra, ressaltando pertencimento e inspiração num discurso que explora sua subjetividade a partir da própria voz.

Dessa forma, observa-se que, enquanto as narradoras-protagonistas dos contos utilizam palavras ligadas à independência e liberdade, o narrador onisciente intruso em *O Cortiço* utiliza palavras relacionadas ao pecado e à maldade, comparando Rita Baiana com a figura do demônio e da serpente. Ademais, a diferença vai além da semântica, a posição do narrador e dos discursos — em primeira pessoa e em terceira pessoa — também contribui para a caracterização distinta entre as personagens, dado que Rita Baiana é descrita de forma estereotipada por um narrador onisciente, observador e intruso, que não faz parte da história, mas emite opiniões — muitas vezes em tom de superioridade — sobre personagens e eventos. Já em "Meu mar (fé)" e "Alma", as próprias personagens descrevem como são, como se sentem e quais são seus propósitos, sem passar por uma avaliação de um narrador superior ao que está sendo narrado.

---

[3] No contexto bíblico, no livro de Gênesis, a serpente representa engano e tentação, sendo associada a Satanás e responsável por tentar Eva a cometer o pecado.

[4] A designação "mulata", mobilizada no século XIX, está inserida em um sistema classificatório do pensamento racial oitocentista que se difere da modernidade, marcado por teorias deterministas e cientificistas da época. Já no debate contemporâneo, as categorias "pardo" e "negro" assumem frequentemente uma dimensão política unificadora. Nesse sentido, a aproximação aqui proposta entre Rita Baiana e as personagens dos contos não pretende homogeneizar tais categorias nem ignorar as diferenças históricas de teorias de classificação racial, mas observar continuidades e deslocamentos nas formas de representação de mulheres com características racialmente atribuídas na literatura brasileira.

Assim, entende-se que, no romance naturalista *O Cortiço* (1890), a figura feminina é construída a partir de um olhar afastado, marcado por juízo de valor e estereótipos, diferente dos contos da coletânea *Doramar ou a odisseia*: histórias (2021), em que as protagonistas narram suas histórias e têm suas subjetividades trabalhadas, ou seja, a escolha do foco narrativo e do léxico influencia a construção das personagens e a maneira como são percebidas pelo leitor. Esses são recursos literários que Itamar utiliza para propor um novo olhar sobre representação na literatura.

A posição de narrador-personagem não é novidade, muitos autores como Machado de Assis e Graciliano Ramos utilizavam este recurso de maneiras diferentes para atingir determinados objetivos em suas obras. No caso de "Meu mar (fé)" e "Alma", este narrador é utilizado visando atingir objetivos mais sociais e representativos. Como já observado anteriormente, o papel do negro na literatura brasileira era reduzido e, quando não era de vilão ou coadjuvante, era construído de forma estereotipada sem subjetividade, por isso, quando Itamar Vieira Junior coloca estas personagens como narradoras, ele possibilita a viabilização de um discurso de quem antes era silenciado por meio da ficção.

Assim, pensando na teoria de Spivak (1988), entendemos que grupos marginalizados, por consequência das relações de poder, têm a voz filtrada ou apagada por aqueles que detêm o discurso dominante. Trazendo esta discussão para o campo literário e pensando na trajetória do negro no cânone, encontramos mais registros deste grupo sendo interpretado e apresentado por um terceiro (o narrador) do que pelo seu próprio discurso, algo que a literatura contemporânea vem se transformando aos poucos, visto que alguns autores criam narrativas atuais sob o ponto de vista do subalterno, pensando na representação como um meio de revelar e dar voz àqueles que eram silenciados em obras anteriores.

A tendência da literatura contemporânea em assumir uma posição política na ficção influencia o desenvolvimento de personagens e como situações que despertariam compaixão no leitor são estruturadas (em primeira pessoa, com descrições mais detalhadas, aproximando o ser fictício do ser vivo etc.). O protagonismo e a narração das personagens nos contos "Alma" e "Meu mar (fé)" dialogam com uma tendência contemporânea de construir narrativas sob a perspectiva de sujeitos marginalizados, conferindo-lhes voz e maior densidade subjetiva. A resposta de Spivak à pergunta *Can the subaltern speak? (O subalterno pode falar?)* pode ser considerada negativa, uma vez que, segundo a autora, as estruturas hegemônicas precisam mudar para que o subalterno efetivamente fale (Spivak, 1988). Contudo, pensando no contexto literário, essa mudança pode se manifestar na forma como a voz do subalterno é construída e representada, pois, ainda que no plano ficcional, a literatura pode ser fundamental para compreender quem é silenciado e de que modo o discurso pode tanto reforçar quanto contestar as relações de poder na sociedade.

Ainda, importa destacar que a obra literária não produz sentidos fixos. A narração em primeira pessoa, embora possibilite maior aproximação do leitor ao interior das personagens, característica particularmente relevante quando se trata de sujeitos historicamente desumanizados, não deve ser tomada como garantia automática de um posicionamento ideológico. A humanidade das personagens não surge exclusivamente a

partir da escolha formal do foco narrativo, mas do modo como a narrativa é construída em relação a elas. Nessa perspectiva, a narração em primeira pessoa não constitui a origem dessa humanidade, mas funciona como elemento de intensificação da subjetividade das personagens. Por exemplo, parte significativa da produção ficcional de Lima Barreto, ainda que estruturada em terceira pessoa, constrói narradores que não assumem a superioridade que se observa em *O cortiço*, ou seja, nos contos de Itamar Vieira Junior, a escolha pela primeira pessoa está indubitavelmente ligada ao interesse em aprofundar a subjetividade das protagonistas. No entanto, a humanidade das personagens é construída pelo fio narrativo que se concentra em sua vida, explorando memórias, sentimentos e conflitos, o que contribui para que deixem de ser vistas apenas como tipos sociais e passem a ser desenvolvidas como personagens com experiências próprias.

5. O diálogo entre sociedade e literatura

Retomando as palavras de Antonio Candido, a literatura, ao se apresentar como forma organizada, também organiza nossa percepção do real. Segundo Candido em *Vários Escritos* (2011):

> De fato, quando elaboram uma estrutura, o poeta ou o narrador nos propõem um modelo de coerência, gerado pela força da palavra organizada. Se fosse possível abstrair o sentido e pensar nas palavras como tijolos de uma construção, eu diria que esses tijolos representam um modo de organizar a matéria, e que enquanto organização eles exercem papel ordenador sobre a nossa mente. Quer percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo (Candido, 2011, p. 177).

Nesse sentido, entende-se que os elementos extraliterários, quando articulados no plano estético, constroem uma representação da realidade nos contos ao dialogarem com questões e problemas reais da sociedade. Esse diálogo com questões sociais e políticas possibilita uma leitura mais aprofundada das relações de opressão no mundo, ainda que por meio da ficção. As experiências vividas por Alma e pela protagonista de “Meu mar (fé)”, ainda que sejam em contextos diferentes — uma em condição de escrava e outra de imigrante —, são semelhantes por estarem relacionadas ao racismo e sexismo do período histórico em que estão inseridas, evidenciando como a literatura pode expor mecanismos de opressão que continuam ao longo do tempo, visto que a representação ficcional não apenas observa a realidade, mas também a interpreta criticamente e a denuncia.

Ao considerarmos a literatura como prática social, é possível compreender como a representação não apenas irá refletir contextos históricos, mas também participar de sua transformação. As escolhas discursivas e estéticas realizadas pelo escritor interferem no imaginário do leitor e na forma como determinados grupos são imaginados socialmente, contribuindo para consolidar, tensionar, ou mudar estereótipos comuns na sociedade. Obras como as de Itamar Vieira Junior assumem um papel significativo ao colocarem sujeitos historicamente marginalizados no centro da narrativa, trabalhando sua

subjetividade e autonomia, e apresentarem outras formas de ver o mundo ao leitor. A literatura, então, adquire um aspecto social que possibilita revisões do passado, mudanças no presente e expectativas sobre futuros possíveis, mostrando que as formas de narrar e construir uma obra literária estão ligadas às formas de viver e interpretar um tipo de experiência social.

> Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso.de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (Candido, 2011, p. 175).

Além disso, ainda pensando nas reflexões de Antonio Candido, o livro *Literatura e Sociedade* (2006) explica que a função social da literatura não depende da intenção explícita de escritores ou leitores, mas emerge da própria natureza da obra enquanto forma cultural inserida em um sistema de valores. Mesmo que autores e leitores criem expectativas e determinem objetivos ao tentar representar certo aspecto da realidade ou ao buscar determinadas respostas no texto, a literatura irá exercer uma função social independente da vontade individual. Ou seja, a obra literária irá participar ativamente das dinâmicas sociais, produzindo efeitos simbólicos que ultrapassam o controle do autor e que são ativados pela relação entre texto, leitor e mundo. Ainda que não seja a intenção do autor, a literatura interfere na realidade, organiza percepções e revela aspectos da experiência humana que, muitas vezes, apenas a arte é capaz de expressar.

> Considerada em si, a função social independe da vontade ou da consciência dos autores e consumidores de literatura. Decorre da própria natureza da obra, da sua inserção no universo de valores culturais e do seu caráter de expressão, coroada pela comunicação. Mas quase sempre, tanto os artistas quanto o público estabelecem certos desígnios conscientes, que passam a formar uma das camadas de significado da obra. O artista quer atingir determinado fim; o auditor ou leitor deseja que ele lhe mostre determinado aspecto da realidade (Candido, 2006, p. 54).

Em resumo, a análise das personagens e dos recursos narrativos utilizados por Itamar Vieira Junior demonstra como a literatura contemporânea tem apresentado um olhar crítico sobre as formas tradicionais de representação. Ao tratar de questões sociais e políticas na narrativa ficcional, o autor atualiza a maneira como mulheres negras aparecem na literatura brasileira, mostrando que a obra literária pode funcionar como um espaço de reflexão sobre desigualdades e questões sociais. Mesmo quando o escritor não pretende intervir diretamente nas discussões atuais, a obra literária passará de um simples reflexo da realidade, em verdade, ela questionará a sociedade e sugerirá outras formas de compreender quem historicamente foi silenciado e de ver o mundo.

6. Representação: conteúdo e forma

Com base no que foi exposto, entende-se que Itamar reconfigura a forma de representação em seus textos, buscando uma literatura não só mais próxima de questões sociais, mas também politicamente engajada. A leitura dos estudos de Collins (2019) ajuda a compreender como estruturas de dominação racial e de gênero são compartilhadas em sociedades marcadas pelo colonialismo. Embora a autora esteja inserida no contexto americano, muitas de suas ideias aplicam-se à realidade brasileira e aos contos analisados, o que evidencia como Itamar mobiliza experiências que de fato atravessaram — e ainda atravessam — a vida de mulheres negras para construir, na ficção, situações sociais reconhecíveis na realidade. Por exemplo, a figura da mulher negra encarregada de cuidar e alimentar os filhos das famílias brancas, discutida pela autora no livro *Pensamento feminista negro:* conhecimento, consciência e a política do empoderamento (2019), aparece no enredo de "Alma", cuja protagonista é obrigada a dedicar seu corpo e seu afeto para sustentar uma família que não é a sua, enquanto tem negado o direito de constituir a própria família.

Contudo, importa destacar que este estudo não se concentra apenas no que Itamar representa em sua ficção, mas, sobretudo, na forma como ele elabora essas representações. O autor não se limita a transpor para a ficção problemas que historicamente afetam mulheres negras. Na verdade, ele os representa por meio de uma escolha narrativa que, em relação a obras anteriores da literatura, altera profundamente a forma de percebê-los no mundo. Isto é, como já discutido anteriormente, a narração em primeira pessoa e as escolhas semânticas desempenham um papel central nesse processo, pois permite que as personagens expressem seus sentimentos, desejos e percepções sem a mediação de um narrador externo que as julgue ou distancie do leitor.

Pellegrini (2012), especialista em realismo e representação na literatura contemporânea, apresenta reflexões críticas sobre esse aspecto social e a transposição da realidade para a ficção. Segundo a pesquisadora, a narrativa realista não se limita à mimese ou ao simples registro documental da realidade, mas atua como uma forma de intervenção ética, capaz de tensionar estruturas sociais e ampliar modos de percepção. Nesse sentido, a obra de Itamar dialoga com essa perspectiva ao articular experiências historicamente silenciadas com uma construção narrativa interessada em produzir reconhecimento e deslocamento no leitor. Ao privilegiar a subjetividade das personagens e ao elaborar escolhas linguísticas que aproximam o leitor de seus afetos, dilemas e percepções, o autor reinscreve práticas realistas dentro de um projeto literário que busca visibilizar e complexificar figuras negras. Desse modo, sua ficção não apenas representa questões sociais, mas também as pensam criticamente, contribuindo para uma renovação das formas de representação no contexto contemporâneo. Retomando as palavras de Pellegrini (2012):

> As intenções realistas, mescladas a esse caráter interessado, em sua maioria sempre foram — e ainda são — miméticas e documentais, revelando-se como possibilidade não apenas de representação estética, mas também de intervenção ética e política no mundo real (Pellegrini, 2012, p. 11).

O trecho destaca como o realismo, ao mesmo tempo em que busca representar o mundo por meio de estratégias miméticas e documentais, não se limita a uma convenção estética, pois suas escolhas formais estão relacionadas a posicionamentos éticos e a uma compreensão crítica da realidade social. Em outras palavras, a mimese realista não reproduz o cotidiano, mas o interpreta de modo a revelar tensões, desigualdades e conflitos historicamente constituídos. Ao representar o mundo, o realismo também o questiona, oferecendo ao leitor novas formas de perceber e problematizar estruturas sociais naturalizadas, fazendo com que a literatura realista se torne um instrumento que articula estética e crítica social, permitindo que a escrita participe, ainda que simbolicamente, das disputas políticas e éticas que atravessam o mundo real.

Ademais, a partir do século XIX, ao se consolidar como convenção estética e método narrativo, o realismo aprofunda o debate sobre a representação do mundo na literatura. É nesse período que a relação entre literatura e sociedade passa a ser entendida de forma mais explícita, visto que os modos pelos quais o escritor percebe e interpreta o mundo social são moldados pelas formas culturais e históricas de seu tempo. Assim, a mimese realista para de ser pensada como uma simples reprodução fotográfica da realidade e passa a ser tratada como uma interpretação complexa, a qual busca captar as estruturas e as relações da vida social, nos estudos literários. Essa perspectiva iniciará a reflexão sobre a representação literária estar sempre atravessada pelas condições sociais, reafirmando o realismo como uma prática que interpreta o mundo em profundidade, e não apenas o descreve.

Portanto, é nesse aspecto que Itamar Vieira Junior irá se distanciar de modelos de representação presentes em grande parte da literatura brasileira do século XIX e reconstruí-los em suas obras. Como observado, na narrativa de Aluísio Azevedo, as personagens negras são reduzidas a tipos sociais — como Bertoleza, utilizada apenas como meio de ascensão de João Romão, privada de autonomia —, o que não ocorre em "Alma" e "Meu mar (fé)", visto que as protagonistas, embora também vítimas de contextos históricos violentos, são construídas como sujeitos de fala e autônomas. Nesse sentido, entende-se que a proposta de Itamar está inserida num projeto literário contemporâneo que busca refletir sobre representações antigas, oferecendo novas formas de representar quem antes foi reduzido a figurações estigmatizadas em obras literárias. Sua escrita dialoga com um modelo de realismo que se reconfigura no presente, sobretudo por adotar a perspectiva de personagens historicamente marginalizados como centro da experiência narrada. Dessa forma, sua obra não apenas revisita tradições representativas anteriores, visto que as obras naturalistas também se apoiavam no realismo para construir suas figuras e ambientes, mas também contribui para ampliar e atualizar as possibilidades desta convenção literária na literatura contemporânea, uma vez que, como discutido, as obras literárias inevitavelmente dialogam com o contexto e o período em que são produzidas, fazendo com que modelos estéticos se reconfigurem ao longo do tempo.

Além disso, a respeito da construção das personagens, não devemos nos esquecer que, ainda que sejam alvos de crueldade e vítimas de momentos históricos exploratórios, as protagonistas têm voz de resistência. No final dos contos, mesmo marcadas pela dor e pela violência, elas seguem para outra jornada: em "Meu mar (fé)" a personagem resiste e luta para ter seu filho mesmo após as adversidades e a perda de seu marido; em "Alma",

apesar de já ter perdido tudo, a protagonista se liberta de seus senhores assassinando-os e inicia uma nova jornada, assumindo sua autonomia e reconhecendo que, por mais difícil que seja o caminho que escolheu, ainda é melhor do que permanecer submetida ao trabalho escravo. Essas trajetórias mostram que o autor não tem a intenção apenas de revelar, mas também de promover resistência por meio de personagens fortes que não desistem de suas próprias histórias e que insistem em existir, amar e lutar, mesmo em cenários difíceis e cruéis.

Em suma, nos contos estudados, Itamar Vieira Junior representa as violências estruturais que atravessam as vidas dessas personagens enquanto mulheres negras na sociedade, mas não se limita a isso. O autor propõe uma reconfiguração estética e ética da própria noção de sujeito na literatura contemporânea por meio da convenção realista ao atribuir autonomia, desejo e sentimentalidade em suas personagens, reconfigurando representações passadas, que muitas vezes restringiam figuras marginalizadas ao papel de vítimas silenciosas, e abrindo espaço para narrativas em que a resistência é não apenas uma resposta à opressão, mas também um gesto de afirmação existencial. Alma desejava romper com a vida cruel a que era submetida, ainda que isso lhe custasse tudo, assim como a protagonista de "Meu mar (fé)", que, mesmo em meio ao desespero e às dores que a fizeram cogitar desistir da própria vida, insistiu em continuar vivendo com seu filho recém-nascido. As duas personagens ampliam o horizonte de representação ao se apresentarem como mulheres negras que protagonizam as próprias trajetórias, diferenciando-se de narrativas anteriores que as silenciavam e as construíam por meio de um narrador externo colocado como superior na hierarquia social, racial e discursiva.

Considerações finais

O estudo da representação da mulher negra nos contos "Alma" e "Meu mar (fé)" evidencia como a literatura brasileira tem passado por transformações significativas no que diz respeito à construção de sujeitos historicamente marginalizados. Enquanto *O Cortiço* (1890) e outras obras do cânone reproduzem estereótipos raciais e de gênero, exemplificados neste artigo por meio da figura de Rita Baiana e Bertoleza, cujos corpos e comportamentos são objetificados e subordinados às expectativas da sociedade oitocentista, os contos da coletânea *Doramar ou a odisseia*: histórias (2021) coloca personagens negras e subalternas no centro da narrativa, conferindo-lhes autonomia, complexidade psicológica e protagonismo. Essa diferença reflete não apenas mudanças estéticas, mas também questões ideológicas e sociais que permeiam a literatura contemporânea.

Vale ressaltar que não se trata de negar a importância das obras naturalistas nem de adotar uma visão anacrônica sobre *O Cortiço* (1890) e outros romances do período. O objetivo deste artigo não é rejeitar a produção anterior, mas mostrar que a arte é também produto das relações de poder da sociedade e, portanto, sujeita a transformações motivadas por disputas ideológicas e políticas (Bourdieu, 1996). É essa compreensão do papel das relações sociais na produção literária que possibilitou mudanças significativas na trajetória da literatura brasileira.

> O motor da mudança nas obras culturais […] reside nas lutas cujo lugar são os campos de produção correspondentes: essas lutas que visam a conservar ou a transformar a relação de forças instituída no campo de produção têm, evidentemente, o efeito de conservar, ou de transformar, a estrutura do campo das formas que são instrumentos e alvos nessas lutas (Bourdieu, 1996, p. 63).

Refletir sobre a figura negra na história da literatura não significa rejeitar textos clássicos, mas compreender que eles não foram construídos de forma "neutra" apenas guiados pela estética. O estudo da literatura brasileira contemporânea permite ampliar o repertório literário e incorporar ao cânone vozes antes excluídas, promovendo uma reflexão sobre a função social da literatura, sobre os modos de representação e sobre os mecanismos de poder que estruturam o campo literário, em diálogo com teorias de crítica pós-colonial e da sociologia da arte, como as de Gayatri Spivak (1988) e Pierre Bourdieu (1966). Em outras palavras, a análise da trajetória da representação da mulher negra na literatura não busca apagar ou negar a relevância de textos clássicos, apenas procura compreender como diferentes momentos da literatura refletem relações de poder, interesses culturais e visões de mundo da época. Enquanto *O Cortiço* mantém a marca das hierarquias sociais e estereótipos vigentes no século XIX, do positivismo e determinismo, os contos "Alma" e "Meu mar (fé)" apresentam a literatura contemporânea socialmente engajada.

O artigo utiliza o termo *reconstrução* em seu título porque, em vez de apagar as representações anteriores para criar algo completamente novo, o autor Itamar Vieira Junior propõe uma reconfiguração das formas pelas quais personagens negros têm sido figurados na literatura. Em suas narrativas, personagens negros adquirem um lugar expressivo na prosa que vai além de coadjuvante, vilão ou estereótipo. Nos contos objeto de investigação, por exemplo, as protagonistas são fortes e demonstram particularidades individuais de suas personalidades. Retomando a reflexão de Collins (2019) e relacionando-a com os contos, a voz das protagonistas não se limita a de vítimas, mas são sujeitas de resistência que reagem a desafios comuns de suas vidas devido ao racismo e ao sexismo de maneiras diferentes: uma personagem luta em um país diferente do seu de origem para ter um filho e criá-lo bem, mesmo com a perda de seu marido; a outra, cansada da crueldade e brutalidade de sua vida, escolhe outro caminho ao sair daquela casa e dar um fim ao tratamento desumano de seus senhores. Duas personagens que não são retratadas como vítimas à espera de um salvador, mas sim como mulheres que sobrevivem às adversidades, constroem suas jornadas e, sobretudo, narram suas trajetórias a partir das próprias perspectivas.

Assim, como apresentado anteriormente, a relação entre o real e o fictício passa pela noção de representação, e envolve a relação entre literatura e sociedade. Compreender a maneira como os autores constroem cortes da realidade e os transpõem para a ficção a fim de comunicar algo ao leitor e representar determinado papel social é fundamental para analisar as faces da literatura como instrumento crítico e reflexivo. A representação, nesse sentido, não é uma simples imitação do real, mas uma interpretação que reorganiza, ressignifica e problematiza os discursos sociais, revelando tensões, conflitos e silenciamentos por meio da narrativa. A literatura se torna um espaço para a

legitimação de vozes historicamente marginalizadas e para o questionamento de estruturas hegemônicas de poder da sociedade.

A marginalização dos personagens negros é, historicamente, um problema na literatura, e os autores contemporâneos, ao dar voz a esses personagens, mudam esta tradição aos poucos e provocam reflexões sobre o racismo e a discriminação dentro ou fora da ficção. Assim, a literatura surge como um espaço de resgate das raízes negras e pardas da população brasileira, ao mesmo tempo que funciona como uma denúncia sobre o que muitas vezes é silenciado no Brasil, desempenhando um papel fundamental na desconstrução de estereótipos racistas e sexistas e na valorização de identidades historicamente apagadas.

Dessa forma, entende-se que, na literatura de Itamar Vieira Junior, a ficção não é apenas uma cópia, imitação ou reflexo da realidade, mas uma forma de reinterpretar o real de modo crítico, simbólico e afetivo. Os contos "Meu mar (fé)" e "Alma" exemplificam como representações podem simbolizar resistência e denúncia, mas também cura, memória e pertencimento, provocando o leitor a refletir sobre como o discurso também é poder, sobre quem tem o direito à fala e à existência na sociedade. Ao construir personagens em posições de subalternas em suas narrativas ficcionais, o autor não apenas reproduz a realidade, mas propõe uma reflexão crítica sobre os espaços e sujeitos da sociedade brasileira, contribuindo para a expressão de grupos antes silenciados por meio da literatura. Spivak (1988) nos mostra que a representação é um ato de fala em que há a necessidade de um falante e de um ouvinte. Não há como representar vozes subalternas se não há quem ouça. Por isso, a representação na literatura de Itamar Vieira Junior pode ser interpretada como uma forma de abrir um espaço de fala - por meio da ficção - para sujeitos subalternizados, buscando reverter o apagamento histórico dessas vozes tanto no cânone literário quanto na sociedade.

Não há uma solução definitiva para a questão do "ser ouvido", mas há estratégias nos contos que minimizam o risco de silenciamento, como a narrativa construída a partir do ponto de vista de protagonistas femininas e negras, pois o subalterno finalmente aparece como sujeito de fala, e não como objeto de análise, como ocorre, por exemplo, em *O cortiço* (1890). Além disso, o leitor também é convocado a ocupar o lugar de ouvinte dessas histórias que, embora ficcionais, refletem a realidade de vida de muitas mulheres negras no Brasil. Ou seja, ainda que Spivak (1988) advirta que o "ser ouvido" é um processo sempre condicionado e complexo e que até mesmo a representação estética e simbólica implica riscos, dado que há sempre a mediação do autor, os recursos narrativos empregados por Itamar, como a narração em primeira pessoa e as escolhas semânticas que marcam a singularidade das personagens, demonstram uma tentativa consciente de evitar essa armadilha. Sua escrita busca recriar espaços de escuta ativa e reconhecimento, em que personagens historicamente silenciadas possam finalmente narrar suas dores, memórias e vivências.

Como citar este artigo?

RODRIGUES, L. S. (Re)construção da representação: a figura da mulher negra nos contos de Itamar Vieira Junior. *Mosaico*, São José do Rio Preto, v. 24, n. 1, p. 129–144, 2025.

Referências

AZEVEDO, A. *O Cortiço*. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997.

BOURDIEU, P. *Razões práticas*: sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Correa. Campinas, SP: Papirus Editora, 1996.

CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro, 2006.

CANDIDO, A. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, A. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. p. 169–191.

COLLINS, P. H. *Pensamento feminista negro*: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

DUARTE, E. de A. *O negro na literatura brasileira*. Porto Alegre: Navegações, 2013. p. 146–153.

PELLEGRINI, T. Realismo: modos de usar. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 39, p. 11–17, 2012.

PROENÇA FILHO, F. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 50, p. 161–193, 2009.

SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VIEIRA JUNIOR, I. *Doramar ou a odisseia*: histórias. São Paulo: Todavia, 2021.

VIEIRA JUNIOR, I. *A oração do carrasco*. Itabuna: Mondrongo, 2017.